



ENUNCIÇÃO, GÊNERO E PODER EM “A PEQUENA SEREIA”

Gilmara Silva¹
Manuele Bandeira²

RESUMO

Esta pesquisa investiga os sentidos atribuídos à voz da personagem Ariel nos filmes “A Pequena Sereia” (1989 e 2023), considerando a linguagem como prática social, ideológica e dialógica. Fundamenta-se na Análise do Discurso de orientação bakhtiniana (BAKHTIN, 2006), articulando também estudos de gênero e crítica feminista (BEAUVOIR, 1949; BUTLER, 1990; hooks, 1984; SPIVAK, 1988). O corpus é composto por cenas selecionadas das duas versões, com ênfase nos diálogos entre Ariel, Úrsula e o Rei Tritão, em que a voz da protagonista se configura como elemento central para a construção de sentidos relacionados à autonomia, identidade e poder. A análise preliminar considera a voz de Ariel como canto, expressão e ausência, funcionando como enunciado que revela tensões ideológicas, negociações simbólicas e disputas de poder. Na animação de 1989, o canto evidencia desejo e curiosidade, enquanto sua perda temporária simboliza limitação e controle. Já no live-action de 2023, a voz incorpora dimensões de representatividade racial e fomenta reflexões sobre identidade, inclusão e diversidade, mantendo, entretanto, a função central de expressão e agência. Além da análise interna das cenas, a pesquisa examina as enunciações externas dos autores da produção e a recepção pública, sobretudo em relação à escolha de uma protagonista negra no live-action, considerando o impacto sociocultural dessa decisão. Embora os resultados sejam ainda parciais, eles indicam que a voz de Ariel atua como signo discursivo central na narrativa, articulando disputas simbólicas sobre poder, gênero e identidade, evidenciando o potencial da pesquisa para contribuir com debates críticos sobre linguagem, representação feminina e mediação cultural.

Palavras-chave: Análise do discurso; A Pequena Sereia; Bakhtin; Cultura midiática.

mestranda do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, gssilva@aluno.unilab.edu.br¹

Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, manuelebandeira@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A linguagem, compreendida enquanto prática social, ideológica e dialógica, constitui-se como espaço de disputas simbólicas e de produção de sentidos. No contexto da cultura midiática, personagens e narrativas desempenham papel central na construção de representações identitárias e de gênero, sobretudo em produções voltadas ao grande público. Nesse cenário, a personagem Ariel, protagonista dos filmes *A Pequena Sereia* (1989 e 2023), revela-se objeto relevante de investigação, na medida em que sua voz configura-se como elemento central da narrativa, articulando questões de poder, identidade e autonomia.

A versão animada de 1989 e o live-action de 2023 oferecem um corpus propício para análise, permitindo observar tanto permanências quanto transformações nas formas como a voz feminina é representada. Enquanto na animação Ariel enfrenta o dilema de ceder sua voz em troca da experiência do mundo humano, no live-action a narrativa é reconfigurada, incorporando novas camadas de sentido relacionadas à representatividade, agência feminina e diversidade racial.

A pesquisa fundamenta-se na Análise do Discurso de orientação bakhtiniana, mobilizando conceitos como dialogismo, enunciação e alteridade (BAKHTIN, 2006) para compreender como a voz de Ariel funciona como enunciado que produz sentido e revela valores ideológicos. Paralelamente, estabelece diálogo com os estudos de gênero e a crítica feminista, articulando os aportes de Simone de Beauvoir (1949), Judith Butler (1990), bell hooks (1984) e Gayatri Spivak (1988), que permitem problematizar a constituição, ressignificação e representação das vozes femininas em diferentes contextos socioculturais.

Parte-se da questão-problema: quais são os sentidos atribuídos à voz de Ariel nas duas versões cinematográficas? A hipótese sugere que esses sentidos refletem continuidades e transformações nas representações femininas, permitindo discutir como a linguagem, na perspectiva discursiva e cinematográfica, tensiona discursos sobre poder, identidade e gênero.

O objetivo geral consiste em analisar os significados atribuídos à voz da personagem sob a perspectiva dialógica da linguagem. Os objetivos específicos incluem: (i) identificar as formas de manifestação da voz nas duas versões; (ii) comparar a configuração dos sentidos da voz em cada narrativa; e (iii) discutir como tais manifestações dialogam com questões de identidade, gênero e representatividade.

A relevância desta pesquisa reside em seu potencial de contribuir para o debate crítico sobre linguagem, poder e representação feminina na cultura midiática, destacando a voz de Ariel como espaço discursivo de protagonismo, resistência e ressignificação das vozes femininas na contemporaneidade.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa e interpretativista, fundamentada na Análise do Discurso de orientação bakhtiniana, mobilizando conceitos como dialogismo, enunciação e alteridade (BAKHTIN, 2006). O corpus é composto por cenas selecionadas das versões de 1989 e 2023 de *A Pequena Sereia*, com ênfase em sequências em que a voz de Ariel se apresenta como elemento central do discurso, especialmente nos diálogos com Úrsula e o Rei Tritão.

A análise será realizada em etapas articuladas: inicialmente, proceder-se-á à descrição detalhada das cenas, considerando os enunciados verbais, sonoros e visuais. Essa etapa possibilita compreender como a voz se manifesta como canto, expressão ou ausência, funcionando como enunciado que produz sentido discursivo e simbólico. Em seguida, será realizada a interpretação discursiva, apoiada nos conceitos bakhtinianos, para evidenciar como os diálogos refletem valores ideológicos e disputas de poder, gênero e identidade.

Além da análise interna das cenas, serão investigadas as enunciações externas dos autores envolvidos na



produção, incluindo diretores, roteiristas, compositores e críticos, considerando suas falas como práticas de linguagem que configuram e orientam a obra. Essa etapa é fundamental para compreender a intenção comunicativa e os posicionamentos ideológicos presentes no processo de construção do discurso fílmico.

A pesquisa também se estenderá à recepção pública, sobretudo em relação à versão de 2023, marcada pela escolha de uma protagonista negra, avaliando como a linguagem discursiva circula e é interpretada pelo público, produzindo debates sobre representatividade, identidade e raça. O caráter musical das produções será central na análise, visto que a voz-canto funciona como elemento discursivo estruturante, carregado de valores ideológicos, afetivos e culturais.

Desse modo, a metodologia proposta não se limita à descrição das cenas, mas busca compreender os sentidos da voz de Ariel como signo discursivo que atravessa diferentes dimensões: a narrativa fílmica, as enunciações de seus produtores e a recepção social. Esse percurso metodológico permitirá compreender de que maneira a voz se constitui como espaço simbólico de disputa entre silenciamento e potência, revelando as ideologias que permeiam as diferentes versões de A Pequena Sereia e sua circulação na cultura midiática contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, a análise do corpus, composto pelas versões de 1989 e 2023 de A Pequena Sereia, encontra-se em fase preliminar, estando em andamento o cruzamento das observações conforme o percurso metodológico previamente estabelecido. Inicialmente, as leituras das cenas indicam que a voz de Ariel constitui elemento central para a construção de sentidos relacionados à autonomia, ao poder e à identidade feminina. Observa-se, em particular, que nos diálogos com Úrsula e o Rei Tritão, a voz não se limita a transmitir informações, mas funciona como instrumento de negociação simbólica e expressão de tensões ideológicas.

No caso da animação de 1989, a voz de Ariel aparece, até o momento, como predominante manifestação de desejo e curiosidade, enquanto a perda momentânea do canto pode ser interpretada como símbolo de limitação e controle sobre sua trajetória. Por outro lado, na versão de 2023, a análise preliminar sugere que a voz assume significados adicionais, sobretudo em virtude da escolha de uma protagonista negra, o que introduz dimensões de representatividade racial e provoca reflexões sobre identidade e inclusão. Nessas cenas, a voz permanece como espaço de protagonismo, ao passo que momentos de silêncio ou restrição vocal evidenciam tensões simbólicas e disputas de poder.

Além disso, considerando que ambas as produções são musicais, a voz-canto emerge como enunciação complexa, carregada de valores ideológicos, afetivos e culturais. A análise inicial aponta que tanto a animação quanto o live-action articulam continuidades e rupturas na representação da voz feminina, embora o estudo ainda precise consolidar essas observações de forma sistemática.

É importante ressaltar que os resultados apresentados são parciais e indicativos, uma vez que a pesquisa ainda está em fase de consolidação das análises do corpus, incluindo a leitura das materialidades fílmicas, dos diálogos e da recepção pública. Dessa forma, espera-se que a análise final possibilite compreender de maneira mais aprofundada os sentidos atribuídos à voz de Ariel e como estes se articulam às disputas simbólicas e ideológicas presentes na cultura midiática contemporânea.

CONCLUSÕES

A análise preliminar das versões de 1989 e 2023 de A Pequena Sereia evidencia que a voz de Ariel se



constitui como elemento central na construção de sentidos relacionados à autonomia, poder, identidade e representatividade feminina. Até o momento, observou-se que nos diálogos com Úrsula e o Rei Tritão a voz atua tanto como instrumento de expressão quanto como recurso narrativo que evidencia tensões de poder e limitações impostas à protagonista. A animação de 1989 apresenta a voz de Ariel predominantemente como manifestação de desejo e curiosidade, enquanto sua perda temporária simboliza restrição e controle. Já no live-action de 2023, a voz ganha significados adicionais, especialmente em razão da escolha de uma protagonista negra, incorporando dimensões de representatividade racial e fomentando debates sobre identidade, inclusão e diversidade.

Além disso, o caráter musical das produções reforça a centralidade da voz, que funciona como enunciação carregada de valores ideológicos, emocionais e culturais. As análises preliminares indicam continuidades na representação da voz como espaço de protagonismo feminino, bem como rupturas que refletem atualizações culturais e disputas simbólicas presentes na contemporaneidade.

Ressalta-se, contudo, que a pesquisa ainda se encontra em fase de consolidação do corpus e do cruzamento das análises, de modo que as conclusões aqui apresentadas são parciais. Nos próximos passos, pretende-se aprofundar a análise comparativa entre as duas versões, explorando com maior detalhe as nuances da voz em diferentes sequências, bem como a recepção pública e crítica, sobretudo em relação à versão de 2023. Esse aprofundamento permitirá avaliar mais sistematicamente como a voz de Ariel articula sentidos de poder, identidade e representatividade, fortalecendo a compreensão da sua função enquanto signo discursivo na cultura midiática contemporânea.

Dessa forma, a pesquisa busca contribuir para o debate crítico sobre linguagem, representação feminina e disputas simbólicas, evidenciando como a voz, em sua dimensão narrativa e social, constitui espaço de protagonismo, resistência e negociação de sentidos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora pelo acompanhamento, orientação e incentivo durante toda a pesquisa. Registro também minha gratidão à CAPES pelo apoio financeiro por meio da bolsa de mestrado e ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África (MEL/Malês), da UNILAB, pelo suporte acadêmico e institucional.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. Estética da criação verbal. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- HOOKS, B. Feminismo é para todo mundo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1984.
- SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988.

